



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DE GUIMARÃES. ABASTECIMENTO DE ÁGUAS POTÁVEIS.**

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira

Ano: 1904 | Número: 21

---

### **Como citar este documento:**

GUIMARÃES, João Gomes de Oliveira, Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de águas potáveis. *Revista de Guimarães*, 21 (2) Abr.-Jun. 1904, p. 64-76.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## APONTAMENTOS

PARA A

# HISTORIA DE GUIMARÃES

---

### Abastecimento d'aguas potaveis

(Continuado da pag. 37)

## VI

### Fontes e tanques

*Fonte do Abbade.* — Esta fonte, collocada outr'ora ao pé das hortas do Priorado, sitio preferido para recreio dos nossos antepassados <sup>1</sup>, e hoje em frente do edificio do Asylo de Mendicidade da Real Irmandade dos Santos Passos, é das fontes de Guimarães aquella de que encontramos mais antigo documento escripto. As inquirições regias do anno de 1258, demarcando um terreno reguengo, que era possuido pelo Castello de Guimarães, situado junto á chousa do prior de Santa Maria e ao caminho que vae para a Costa, indicam como limite d'elle a *Fonte do abbade* <sup>2</sup>.

Tem por conseguinte esta fonte a prioridade historica devidamente documentada, mas infelizmente a qualidade da sua agua não corresponde a tão respeitavel antiguidade. É classificada *má* pelo snr. Lepierre <sup>3</sup>.

\*

---

<sup>1</sup> *Mem. de Guim.*, pag. 503.

<sup>2</sup> *Portugaliae Mon. Hist., Inquisitiones*, pag. 736 a 737.

<sup>3</sup> *Estudo*, pag. 38.

*Chafariz atraz do Castello.* — Um titulo de empraçamento de um casal do Cabido da Collegiada forneceu-nos a prova da existencia d'esta fonte e condecorada com o pomposo nome de chafariz. Este casal, que andára empraçado a Domingos Annes Marnoto e foi empraçado em 12 de janeiro de 1349 ao conego Domingos Tristão, está situado a par do *chafariz de Traz do Castello* <sup>1</sup>.

A fonte denominada da *Dourada* sita junto do casal do Marnoto será a representante d'este velho chafariz? Talvez.

\*

*Fonte do Banhadoiro.* — Esta fonte, cujo nome é hoje desconhecido, existia no seculo xiv nas immedições da rua da Caldeiroa. O titulo do praso de um pardieiro e lata, sito n'esta rua *per hu vam para a fonte do Banhadoiro*, feito pelo cabido a Domingos Gervaz em 28 de fevereiro de 1371, é a prova da existencia d'esta fonte <sup>2</sup>.

Será porventura esta a origem da bica de agua que cae em uma pia de pedra, collocada a meio da dita rua, e que é aproveitada pelos visinhos?

\*

*Fonte da Madrôa.* — Conhecida desde tempos remotos, pois já a encontramos mencionada em um documento do anno de 1549 <sup>3</sup>, e descripta com o seu tanque e duas bicas pelo padre Torquato Peixoto <sup>4</sup>, esta fonte, que estava collocada junto á ponte da mesma denominação, foi mudada em 1805, época em que se reconstruiu a ponte, para defronte da estrada, sendo esta obra arrematada em 10 de julho do dito anno pela quantia de 6,5000 reis <sup>5</sup> e em 26 de julho de 1815 foi mandado fazer de novo o tanque, porque o velho estava alagado <sup>6</sup>.

Em 1835 o bacharel Antonio Joaquim Ferreira d'Eça e Leiva, morador nas suas casas a montante d'esta fonte, abriu

<sup>1</sup> Arch. da Colleg., Nota antiga, livro 1.º, fl. 42 v.

<sup>2</sup> Idem, idem, livro 2.º, fl. 10.

<sup>3</sup> Livro das Provisões, fl. 140.

<sup>4</sup> *Mem. de Guim.*, pag. 503.

<sup>5</sup> Livro 37.º das Vereações, fl. 34.

<sup>6</sup> Livro 38.º das Vereações, fl. 87 v.

uma mina nas suas terras, com que os moradores da Cruz da Pedra, Madrôa e Molianas julgaram que seria prejudicada a nascente, e por isso requereram á camara que tomasse as devidas providencias para salvaguarda dos interesses publicos.

Em 22 de agosto resolveu se vistoriar a obra, o que se realisou a 29, verificando-se que a mesma prejudicava a agua e por isso se resolveu rebaixar a mina que conduz a agua da nascente para a caixa e usar dos meios judiciais para entupir a nova obra <sup>4</sup>.

Em 21 de setembro de 1871, foi arrematada a remoção e reconstrução d'este tanque e de cinco escadas para ingresso a elle por Bento Antonio dos Santos, da Vacca Negra, pela quantia de 30\$000 reis <sup>2</sup>.

Esta agua é classificada pelo snr. Lepierre como *suspeita*: melhor captada, seria uma boa agua para alimentação <sup>3</sup>.

\*

*Fonte da Duqueza.* — Uma nascente, que desde tempos remotos brotava á flôr da terra em frente á porta dos muros denominada da Freiria e que era aproveitada pelo povo para os usos domesticos, recebeu o nome de Fonte da Duqueza por nascer á vista do palacio onde viveu muitos annos em piedoso recolhimento D. Constança de Noronha, viuva do primeiro Duque de Bragança, fallecida em 1480.

Com a edificação da capella de Santa Cruz no segundo quartel do seculo xvii começou esta fonte a ser conhecida com o nome de fonte de Santa Cruz <sup>4</sup>, que todavia não obliterou a primeira denominação que ainda conserva <sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Livro 1.º das Actas, fl. 142 e 144.

<sup>2</sup> Livro 20.º das Actas, fl. 137.

<sup>3</sup> *Estudo*, pag. 38.

<sup>4</sup> *Mem. de Guim.*, pag. 503.

<sup>5</sup> Aproveitamos o ensejo para dizer que á capella de Santa Cruz precedeu um oratorio sob a mesma invocação, que serviu de casa de oração a um recolhimento aqui existente no seculo xv, que é um dos documentos da muita caridade da piedosa duqueza. Estes factos, que crêmos ineditos, são-nos provados pela carta regia de 22 de maio de 1456, archivada na Torre do Tombo, livro 4.º d'Além-Douro, fl. 135, verso, expedida a instancias da duqueza de Bragança e condessa de Barcellos. Esta carta regia concede isenção de pedidos regios e encargos do concelho ás mulheres, seis ou sete, que viviam no oratorio de Santa Cruz sustentadas pela duqueza.

Pouco depois de aberta ao transitio a estrada real para Fafe, foi a fonte mudada para a margem d'ella, mandando construir-se um tanque com sua bica, que foi arrematado em 13 de outubro de 1869, por José Rodrigues, d'Arões, pela quantia de 785000 reis <sup>1</sup>, procurando-se mezes depois augmentar o volume da agua por novas explorações a partir da primitiva nascente, mandando-se abrir uma mina, cujo custo foi de 152000 reis o metro corrente, como consta da arrematação feita a 20 de julho de 1870 <sup>2</sup>.

Os escorros d'este tanque pertencem aos herdeiros de Antonio Joaquim Fernandes, do Canto, que em 28 de dezembro de 1869 auctorisára a projectada exploração com reserva dos sobejos, que já eram utilizados por seus antepassados <sup>3</sup>.

\*

*Fonte da Papa.* — Encontramos noticia d'esta fonte no anno de 1531 e existia desde tempos antigos, porque em sessão de 10 de julho d'este anno foi resolvido proceder a concertos de que ella carecia <sup>4</sup>.

Posteriormente é conhecida com o nome de *Fonte da Barrella* <sup>5</sup>, sendo alimentada com agua que nascia junto á torre dos Cães.

Com a demolição d'esta torre a agua extraviou-se e por isso a camara, em 9 de dezembro de 1837, mandou limpar a mina, captar a agua e fazer novo eacanamento, obra que já estava concluida em dezembro do anno seguinte <sup>6</sup>.

Em 12 de setembro de 1841, a camara resolveu aforar as sobras da agua d'esta fonte a D. Catharina Correia de Moraes Leite (condessa de Basto) sem prejuizo do direito que qualquer pessoa pedesse haver sobre ellas <sup>7</sup>.

Não chegou a realisar-se esta cedencia em virtude da opposição levantada por Domingos da Costa Vaz Vieira e outros, aos quaes estas sobras foram reconhecidas em 1858, e conjunctamente com as do tanque da Senhora da Oliveira

<sup>1</sup> Livro 19.º das Actas, fl. 23 v.

<sup>2</sup> Livro 20.º das Actas, fl. 3 v.

<sup>3</sup> Maço — Aguas n.º 3.

<sup>4</sup> Livro das Ver. de 1531.

<sup>5</sup> Tombo, livro 322, fl. 47 e seguintes.

<sup>6</sup> Livro 2.º das Actas, fl. 118 e 181.

<sup>7</sup> Livro 4.º das Actas, fl. 21.

\*

são pelos seus successores aproveitadas nas leiras de Soalhães <sup>1</sup>.

Será esta fonte a denominada *Fonte Nova* pelo Padre Torquato? A nascente da porta do Campo da Feira, ou postigo da Senhora da Guia como posteriormente foi chamada esta sahida da villa, pouco mais de tiro de pedra, está, escreve elle, a Fonte Nova, tanque de uma só bica, de pedra lavrada, muito vistosa e correndo só de inverno com muita abundancia. Parece-nos não poder referir-se a outra fonte senão a esta.

Esta fonte foi em 1863, substituida pelo denominado tanque dos Trigaes, como já dissemos <sup>2</sup>.

Vem aqui a proposito referir que el-rei D. João I em 22 de agosto de 1406, mandou dar aos religiosos de S. Francisco, agua de uma fonte por elle feita entre o Castello e a porta do Postigo e que foi unida na arca da torre dos Cães á que vinha do Sabugal, como se lê na *Historia Serafica*, tomo I. É a que ainda hoje possui a Ordem Terceira Franciscana.

\*

*Fonte da Pipa.* — Em 1602 a camara emprazou um terreno junto á Fonte da Pipa, de que o emphyteuta desistiu em 1612 por lhe não ser consentido incluir n'elle uma fonte <sup>3</sup>. Que a fonte, que se intentava usurpar, fosse ou não a da Pipa, é por este documento averiguado que esta existia n'esta época.

De aguas leves e saborosas segundo o testemunho do padre Torquato <sup>4</sup>, a fonte da Pipa, situada junto á propriedade do Verdelho, no caminho que se dirige para a Bornaria, foi analysada pelo snr. Lepierre, inscrevendo-a sob a designação de *Fonte da Bornaria*, e classificada como potavel, ou levemente suspeita <sup>5</sup>.

\*

*Fonte da rua Nova de Santo Antonio.* — Esta rua na qual está collocada a fonte e tanque, de que ora nos occupamos,

<sup>1</sup> *Rev. de Guim*, xx, 76.

<sup>2</sup> *Idem*, 84.

<sup>3</sup> *Memorias*, pag. 502.

<sup>4</sup> Tombo de 1612, fl. 176 e 176 v.

<sup>5</sup> *Estudo*, pag. 39.

teve anteriormente o nome de rua da Fonte Nova, que evidentemente recebeu da construcção da fonte em época que não podemos alcançar.

O documento mais antigo por nós conhecido em que se faz menção d'este nome é do anno de 1612, podendo conjecturar-se que a fonte contava já então muitos annos para que podesse transmittir o nome á rua e fazer obliterar por completo aquelle com que primitivamente foi designada <sup>1</sup>.

Os escorros da agua d'este tanque foram aforados em 13 de julho de 1853 a Custodio José Fernandes, pela pensão annual de 1\$440 reis, e actualmente pertencem ao snr. João Joaquim d'Oliveira Bastos <sup>2</sup>.

A Ordem Terceira de S. Domingos tem parte nas nascentes d'esta fonte, que conduz para o seu hospital.

É agua de má qualidade, segundo a analyse do snr. Le-pierre <sup>3</sup>.

O tanque, aqui collocado em substituição do antigo, existiu antes no largo do Carmo, sendo removido para este local em 1891.

Esta remoção custou 109\$000 reis segundo consta da arrematação feita a 17 de dezembro de 1890 por Manoel Augusto de Miranda, de Barcellos <sup>4</sup>.

\*

*Fonte da rua de Couros.* — É antiga esta fonte. O Tombo do concelho, feito em 1612, relaciona umas casas sobradadas sitas abaixo da fonte que está no meio da rua de Couros <sup>5</sup>.

Em 8 de agosto de 1668 a camara mandou reparar esta fonte de modo que ficasse coberta <sup>6</sup>.

\*

*Fonte da rua de Santa Luzia.* — Conjecturamos que a fonte e tanque d'esta rua foi construida por 1634, aproveitando-se

<sup>1</sup> Tombo de 1612, fl. 49 v.

<sup>2</sup> Tombo, livro 31.º, fl. 455.

<sup>3</sup> *Estudo*, pag. 39.

<sup>4</sup> Livro 31.º das Actas, fl. 13 v.

<sup>5</sup> Tombo de 1612, fl. 201.

<sup>6</sup> Livro 12.º das Vereações, fl. 221 v.

talvez as nascentes do pogo, que os moradores pretendiam mudar, como já dissemos anteriormente.

É certo que em 1685 já estava construído o tanque, como se vê do termo de reconhecimento do fôro de 20 reis, que se obrigou a pagar Gonçalo de Sousa Rego, executor do almo-xarifado, pelos sobejos da agua, que aproveitava para os seus campos dos Bimbaes <sup>1</sup>. Em 1692 o padre Torquato descreve este tanque exactamente como hoje o encontram os <sup>2</sup>.

O dominio directo da camara aos referidos sobejos da agua foi reconhecido no Tombo de 1735 por Miguel de Sousa Rego, outrosim executor do almo-xarifado <sup>3</sup>.

Em 23 de abril de 1836 a camara mandou intimar a viuva e filhos de José Vicente Ferreira dos Santos para apresentar o titulo em que fundamentavam o direito que allegavam a estes escorros <sup>4</sup>, que evidentemente foi reconhecido, porque em 3 de janeiro de 1838 a camara mandou notificar á mesma senhora para dar expedição á agua d'esta fonte. Actualmente pertencem aos herdeiros menores da fallecida D. Rosa Ribeiro de Faria.

Esta agua foi classificada entre as de má qualidade pelo snr. Lepierre <sup>5</sup>.

\*

*Fonte da Misericordia.* — Esta fonte foi construída pela Irmandade da Misericordia pelos annos de 1634 a 1642 <sup>6</sup> e o publico aproveitava-se d'ella durante o dia, como nos assegura o padre Torquato <sup>7</sup>. Actualmente está inutilisada.

Devemos referir que em 1776 os moradores da Porta da Villa requereram á camara licença para encanar a agua so-beja, que sahia da botica da Misericordia, para evitar o prejuizo que lhes advinha.

A camara resolveu ouvir sobre a pretensão a D. Antonio

<sup>1</sup> Tombo de 1685, fl. 126.

<sup>2</sup> *Memorias*, pag. 502.

<sup>3</sup> Tombo de 1735, fl. 371.

<sup>4</sup> Livro 1.º das Actas, fl. 203.

<sup>5</sup> *Estudo*, pag. 39.

<sup>6</sup> *Rev. de Guim.*, XIX, 128.

<sup>7</sup> *Memorias*, pag. 501.

de Lencastre, porque constava que em algum tempo se aproveitara d'esta agua <sup>1</sup>.

\*

*Fonte das Ameias.* — Situada no Campo da Feira, proxima dos Lavadouros publicos, e assim denominada por ser coroada de ameias. Ignora-se a data da sua construcção, sendo porém já mencionada em 1692.

Esta agua reputada geralmente por optima, como escreve o padre Caldas <sup>2</sup>, e como boa, segundo o padre Torquato <sup>3</sup>, é considerada de má qualidade pelo snr. Lepierre <sup>4</sup>.

\*

*Fonte da Dourada.* — Esta fonte, que o padre Torquato denomina Douradinha, está collocada no fim da rua de S. Torquato, antiga rua do Cano debaixo, e segundo este monographo vimaranense é frigidissima e muito gostosa <sup>5</sup>. Não a encontramos referida em documento anterior a este escriptor, 1692, salvo o que conjecturamos a proposito do chafariz de traz do Castello.

Em 1885 levantou-se uma questão sobre a propriedade e uso d'esta agua entre a camara e o snr. Fortunato da Silva Ribeiro, a qual terminou por transacção accordada em acto de vistoria a 17 de março de 1886 e julgada por sentença a 7 de maio do mesmo anno, pela qual foi reconhecido o direito do publico ao uso da dita fonte, devendo collocar-se uma porta segura na caixa da agua com duas chaves eguaes, uma das quaes pertenceria á camara para poder inspecionar a agua quando quizesse, e obrigando-se o contendor a conservar a fonte limpa <sup>6</sup>.

\*

*Tanque da rua de S. Torquato.* — É mencionado em 1692 e descripto pelo padre Torquato no meio da rua do Cano de-

<sup>1</sup> Livro 31.º das Vereações, fl. 121 v.

<sup>2</sup> *Guimarães*, 1, 172.

<sup>3</sup> *Memorias*, pag. 503.

<sup>4</sup> *Estudo*, pag. 38.

<sup>5</sup> *Memorias*, pag. 502.

<sup>6</sup> Livro 28.º das Actas, fl. 9; e Maço — Aguas n.º 3.

baixo, tal era n'essa época a denominação da rua <sup>1</sup>. Foi reparado e removido em 1893 <sup>2</sup>.

A agua d'este tanque é collocada entre as más pelo snr. Lepierre <sup>3</sup>.

\*

*Fonte da Quintã.* — Pouco distante da rua da Caldeiroa, servida por um estreito atalho, ao qual dá comunicação umas alpondras de padieiras sobre o rio da villa, e-tá situada a fonte d'esta denominação, conhecida desde tempos afastados e cuja agua é dita excellente em 1692 <sup>4</sup> e classificada no grupo das potaveis pelo snr. Lepierre <sup>5</sup>.

Em 14 de março de 1836 a camara com o intuito de evitar qualquer prejuizo ao publico, que poderia resultar da obra, que n'este local anda a fazenda Nicolau d'Arrochella, da casa de Villafior, em cujas terras tem origem a nascente d'esta fonte, resolveu vistoriar a obra e fonte <sup>6</sup>. Nada mais encontramos a este respeito no archivo municipal.

\*

*Fonte das Maleitas.* — Esta fonte, mencionada pelo padre Torquato junto á ponte de Santa Luzia com um tanque coroadado de ameias e uma só bica, é, julgamos, a mesma que o padre Caldas denomina *Fonte das Lavadeiras*, e não outra diversa que elle diz situada com este nome fora de barreiras.

A agua d'esta fonte, tambem chamada *Fonte do rio de Santa Luzia*, é considerada pelo snr. Lepierre debaixo de todos os pontos de vista *potavel* <sup>7</sup>; e por isso mal pôde competir-lhe o nome com que desde seculos é conhecida.

\*

*Fonte da Garrida.* — Existiu esta fonte no caminho que da porta d'esta denominação se dirigia para Azurey, sendo dada

<sup>1</sup> Livro 31.º das Actas, fl. 147.

<sup>2</sup> *Memorias*, pag. 502.

<sup>3</sup> *Estudo*, pag. 39.

<sup>4</sup> *Memorias*, pag. 503.

<sup>5</sup> *Estudo*, pag. 38.

<sup>6</sup> Livro 1.º das Actas, fl. 185 v.

<sup>7</sup> *Estudo*, pag. 37.

aos religiosos capuchos pela camara, e por conseguinte incluída na cerca..\*

É o que escreve o padre Torquato <sup>1</sup>.

\*

*Fonte do Mestre.* — É referida em 1692 nas *Memorias da antiga Guimarães*, pag. 504, e situada um tiro de mosquete a sul da porta da Torre Velha, entre verdes prados, com uma só bica de pedra tosca.

É provavel que seja a hoje denominada *Fonte das Leirinhas*, cuja agua pertence em propriedade ao snr. José Joaquim d'Almeida, mas com reserva do uso publico para os serviços domesticos, como foi accordado em sessão da camara de 14 de dezembro de 1898 e consta d'um requerimento do proprietario dirigido n'esta época á camara <sup>2</sup>.

\*

*Fonte das Dominicas.* — A Provisão régia de 9 de novembro de 1717 auctorizou as religiosas do convento de Santa Rosa de Lima a conduzir para a sua cêrca a agua d'um poço existente na rua das Molianas, sob condição de mandarem construir uma fonte publica no largo do Cruzeiro, junto ao convento, para uso dos moradores visinhos, alim de não serem prejudicados com a extincção do poço de que, como já dissemos, se aproveitavam os sombreireiros para a sua industria <sup>3</sup>.

Foi construída a fonte, mas nem sempre ella fornecia a agua precisa para o uso publico, porque as freiras, utilizando-a para rega da cerca, não a deixavam correr na fonte. D'aqui surgiram questões, que no anno de 1746 se exacerbaram fortemente.

Em 9 de julho d'este anno os moradores das ruas das Molianas, Travessa e Nova das Oliveiras requerem á camara que obrigasse as religiosas a concertar a fonte de modo que sempre houvesse n'ella agua para uso publico conforme determinava a referida Provisão, que lhes concedera o poço das Molianas. A camara defere o requerimento dos peticionarios, ordenando

<sup>1</sup> *Memorias*, pag. 250.

<sup>2</sup> Livro 36.º das Actas, fl. 112 v.

<sup>3</sup> Livro 2.º do Reg., fl. 73 v.

que ellas sejam notificadas a fazer os concertos e reparos exigidos, mas as freiras não fizeram caso da intimação. A camara mandou fazer as obras á sua custa, mas nem assim se liquidou a pendencia, porque as freiras reagiram e mandaram desfazer a obra feita.

Narrando estes factos apparecem, na sessão de 23 do mesmo mez, a maior parte dos moradores das ditas ruas, o clero e nobreza, d'esta ultima classe poucos membros, e requerem que a camara vá desforçar-se dos factos praticados. Não conseguem porém o seu intento. O procurador do convento exige vista dos requerimentos apresentados e requer que entretanto nada se innove. A camara, que em parte parece estar ao lado das religiosas, usa do systema dilatorio, resolvendo ir em vistoria ao logar da contenda.

Poucos dias depois, a 6 d'agosto, Francisco Philippe de Sousa da Silva, da casa de Villa Pouca, que patrocinava a causa dos moradores, apresenta perante a camara artigos de suspeição contra os vereadores Antonio Cardoso de Menezes Barreto e Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, unicos em exercicio, procurando por este meio inhibil-os de resolver o negocio.

Estava ausente o juiz de fóra e por esta razão a causa devia ser resolvida pelo vereador mais velho, como juiz por virtude da Ordenação, mas o procurador do convento, receando-se talvez d'este, cujo nome não pudemos apurar, requer que os autos não sejam feitos conclusos antes do regresso d'aquelle magistrado. Interviesse um ou outro no assumpto, o certo é que foi proferido um despacho favoravel ás religiosas. D'este despacho aggravou em 13 um dos misteres como procurador do povo, em 17 o procurador do concelho com o fundamento de lhe não ter sido dada a respectiva vista; e tambem Francisco Philippe de Sousa da Silva e o conego João Manoel arguindo de nullidade os despachos proferidos <sup>1</sup>.

Ignoramos o resultado d'esta questão; não encontramos outra referencia a este assumpto. Parece porém que as religiosas não lograram inteiramente os seus desejos, porque em 1779 procuravam conseguir auctorisação para explorar agua na serra de Santa Catharina, como já dissemos <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Livro 26.º das Ver., fl. 180, 182 v., 184 v., 186 v. e 188 v.

<sup>2</sup> *Rev. de Guim.*, xx, 34.

\*

Em 1864 na escavação a que se procedeu para regularização da rua Nova das Oliveiras, hoje rua de Camões, appareceu em frente á casa do snr. João Ribeiro da Costa Sampaio uma nascente d'agua, que conjunctamente com a do convento e a do municipio foi introduzida em novos aqueductos, cuja construcção foi arrematada em 23 de novembro por 189\$895 reis, e conduzida para o tanque das Dominicas, que foi mandado fazer em 1865 e custou 60\$000 reis, como consta da arrematação feita a 13 de setembro <sup>1</sup>.

É este o actual tanque e fonte das Dominicas, cuja agua não foi analysada pelo snr. Lepierre, mas se o fôra, seria certamente incluída no grupo das *pessimas*. Em confirmação d'esta affirmativa está o officio do administrador do concelho, apresentado em sessão de 30 de julho de 1902, reclamando providencias para que esta agua não fosse aproveitada para os usos domesticos. A camara, porém, já em sessão de 16 do mesmo mez havia resolvido collocar ali um distico que a declarasse impropria para consumo, e não só n'esta mas em todas as fontes em idênticas condições como, aliás, já em 1900 havia sido resolvido <sup>2</sup>.

\*

*Fonte de Traz dos Oleiros.* — Em 1718 o dr. João Ferreira Pinto, morador n'esta rua, hoje denominada de S. Sebastião, explorou, auctorizado pela camara, uma nascente no terreno defronte da igreja de S. Sebastião, demolida ultimamente, procedendo se em 3 de dezembro á partilha da agua explorada. Metade ficou para o explorador e a outra foi destinada ao uso dos moradores da dita rua, dos das Lages do Toural e da rua Nova das Oliveiras, que deveriam construir uma fonte nas trazeiras das casas de Maria Francisca, viuva, ao canto da rua de Traz dos Oleiros, com um tanque onde podessem beber á sua vontade as bestas <sup>3</sup>.

Poucos annos depois o tanque para os animaes, em virtude de queixas trazidas á camara de que a agua era inqui-

<sup>1</sup> Livro 15.º das Actas, fl. 7 e 188 v.

<sup>2</sup> Livro 37.º das Actas, fl. 60.

<sup>3</sup> Livro 20.º das Ver., fl. 133.

nada com a lavagem de sardinhas e outras immundicies, tornando-o incapaz para o fim a que se destinára, foi mudado para junto do chafariz do Toural e aqui se conservou até á remoção d'este. A mudança foi arrematada pelo mestre pedreiro Antonio Pinto, pela quantia de 12\$000 reis <sup>1</sup>.

Esta fonte, collocada abaixo do oratorio do Senhor, foi reparada pelos moradores no anno de 1746 por mandado da camara em 23 de julho para evitar que a agua prejudicasse o leito da rua <sup>2</sup>. Ignoramos quando desapareceu este tanque. Manaria d'estas nascentes a agua, que em 1864 se encontrou na rua Nova das Oliveiras e que foi aproveitada para o tanque das Dominicás?

Tagilde, 1904.

(Continúa).

#### O ABBADE OLIVEIRA GUIMARÃES.

---

<sup>1</sup> Livro 21.º das Ver., fl. 141 v.

<sup>2</sup> Livro 25.º das Ver., fl. 182 v.